

Caminhos do Sociofuncionalismo

Paths of Sociofunctionalism
Caminos del Sociofuncionalismo

A alma é mais geográfica que histórica. Tem acidentes, relevos, vales e montanhas; está sujeita a secas e tempestades, varia de estações e climas. Ninguém embarcaria se antes considerasse os perigos do mar. Toda travessia exige confiança no risco.

Frei Betto

Era quase final de 2020, um ano que trouxe marcas indeléveis para a humanidade, quando fomos contemplados, por meio do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste – GELNE, com uma proposta de realização da Cartografia *Caminhos do Sociofuncionalismo no Nordeste*. Esse foi o *passé* para a nossa *travessia linguístico-geográfica!*

A nossa primeira ação diante do desafio foi a de buscar entender o significado do termo e, assim, observando a etimologia, deparamo-nos, em linhas gerais, com a associação do termo *cartografia* à *escrita de cartas, mapas* (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001). Diante disso, partimos para a segunda ação que foi a de *mapear*, na região nordeste, estudiosos que trouxessem em suas *bagagens* pesquisas e investigações em nível de graduação, pós-graduação (*lato e stricto sensu*) que envolvessem a teoria sociofuncionalista.

E, assim, fomos *mapeando* as instituições de ensino superior nos estados que compõem a região nordeste e convidando colegas a serem *linguistas cartógrafos*. Desse primeiro *percurso em nossa travessia*, agregamos à *nossa caminhada*, na Bahia, a Profa. Dra. Valéria Viana Sousa (PPGLin – UESB), a Profa. Dra. Gessilene Silveira Kanthack (PPGL/ ProfLetras - UESC); Profa. Dra. Cristina dos Santos Carvalho (PPGEL - UNEB) e a Profa. Josane Moreira de Oliveira (PPGEL- UEFS, PPGLinC – UFBA); em Sergipe, a Profa. Dra. Raquel

Meister Ko. Freitag (PPGL, PPGPSI, ProfLetras – UFS); na Paraíba, o Prof. Dr. Camilo Rosa Silva (PROLING – UFPB); no Rio Grande do Norte, a Profa. Dra. Maria Alice Tavares (PPGEL- UFRN); e no Ceará, o Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes (PPGLING-UFC), o Prof. Dr. Fábio Fernandes Torres (PPGLin- Unilab) e a Profa. Dra. Márluce Coan (PPGL – UFC). Conseguimos, dessa forma, montar a nossa equipe de *linguistas cartógrafos*, distribuídos em 5 (cinco) dos 9 (nove) estados nordestinos.

Como primeira ação dessa Cartografia, vislumbramos a publicação de um dossiê no qual a teoria sociofuncionalista fosse apresentada em trabalhos realizados em diversas regiões. Para esse propósito, contamos com a adesão dos nossos *cartógrafos* e, também, com a adesão de convidados que muitos nos honraram e que nos trouxeram a *fotografia de outros espaços*, como a Profa. Edair Gorski (PPGL – UFSC), valerosa referência aos estudos sociofuncionalistas, e a Profa. Dra. Carla Regina Valle (PPGL – UFSC) de Santa Catarina; o Prof. Dr. Cléber Ataíde (ProfLetras- UFE, UFRPE) e a Profa. Dra. Valéria Severina Gomes (ProfLetras - UPE, PROGEL- UFRPE) de Pernambuco; o Prof. Warley José Campos Rocha (IFRO), de Rondônia.

Este dossiê, *Caminhos do Sociofuncionalismo*, então, nasce como resultado da união desses pesquisadores que, aqui, reunidos em artigos, versam sobre o Sociofuncionalismo a partir de diferentes pesquisas realizadas em diversas instituições de Ensino Superior do país. São 14 (catorze) pesquisas que apresentam caminhos que se entrecruzam em um ponto comum, que bem pode ser definido nas palavras de Naro e Votre (1992),

Os dados funcionalistas são buscados NO discurso; são, portanto, concretos e contextualizados. Permitem a verificação empírica, a contagem de frequências, a visão e o controle do contexto linguístico anterior e posterior, e a correlação com variáveis sócio-culturais e pragmática (NARO; VOTRE, 1992, p. 287).

Nos parágrafos que seguem, sumarizamos cada artigo na ordem em que são dispostos neste dossiê.

Iniciamos a travessia com o artigo 1, “A ação do tempo (e dos usuários da língua) sobre o agora”, no qual os autores Maria José de Oliveira e Camilo Rosa Silva, a partir da constatação de que a classificação do item linguístico *agora*, apenas como advérbio de tempo, não corresponde ao uso real que os falantes fazem, realizam uma descrição de natureza pancrônica do *agora* em gêneros textuais como crônica e carta dos séculos XIV-XVI; XVI-XVII; XVIII-XX e, com isso, avaliam o processo de mudança desse item, constatando, portando, a sua multifuncionalidade.

No artigo 2, “Sociofuncionalismo em diacronia: dilemas, conjecturas e aplicações”, *Márluce Coan*, tomando, como *corpus* de análise, textos em prosa histórica, literária, religiosa e jurídica do galego-português nos séculos XIII a

XV, provenientes do Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega, propõe-se a discutir dilemas e a tecer conjecturas que visem à aplicabilidade do Sociofuncionalismo em análises diacrônicas. Para tanto, por meio de uma imersão histórica, realiza investigações sobre o antepretérito (pretérito mais-que-perfeito simples, haver/ter no imperfeito mais particípio neutro, pretérito anterior e pretérito perfeito simples). A conclusão da pesquisa sinaliza processos de gramaticalização e a variação motivada por fatores como tipo de verbo, marcador temporal, pessoal discursiva, tipo oracional, polaridade, tipo de prosa e, com os casos haver/ter, a presença de objeto.

No artigo 3, “A variação entre as formas de pretérito imperfeito e futuro do pretérito para expressar eventos contrafactuais em língua portuguesa: um estudo sociofuncionalista”, Fábio Fernandes Torres e Izabel Larissa Lucena Silva apresentam uma discussão sobre a variação entre as formas de pretérito imperfeito e futuro do pretérito em construções condicionais de natureza contrafactual em dados de fala do Português de Fortaleza. Os resultados desta pesquisa sinalizaram uma preferência pelo uso da variante canônica, futuro do presente, especialmente pelas informantes do sexo feminino.

No artigo 4, “A gramaticalização da construção *porque de* no português de Valença -Ba: domínio da relação causal e posição do sintagma preposicionado”, Josane Moreira de Oliveira e Paulo Henrique da Silva Santos descrevem sincronicamente o uso da construção *porque de* nas falas de Valença-Ba e constata um novo uso do conector *porque* que, adjungido à preposição *de*, compõe um sintagma preposicionado com base em um padrão construcional *type* para conector de casualidade. Uso que, conforme verificado pelos pesquisadores, já está presente na modalidade escrita e em instâncias mais formais de uso.

No artigo 5, “Um estudo sociofuncional dos parentéticos epistêmicos quase-asseverativos em variedades do português”, Cristina dos Santos Carvalho, Antonio Ralf da Cunha Carneiro e Wesley da Silva Magalhães, elegendo, como referência para análise, o português angolano e moçambicano, descrevem parentéticos epistêmicos quase-asseverativos de base clausal verbal, instanciados, no padrão construcional $[(SU)_{P1}V_{Epist} (Compl)]_{Parent}$, por microconstruções como *(eu) acho (que)*, *(eu) creio (que)*, *(eu) suponho (que)* etc. A partir da pesquisa, os autores concluem que os parentéticos epistêmicos quase-asseverativos correlacionam-se a distintos usos e níveis construcionais, sendo empregados, por exemplo, para expressarem incerteza ou atenuação das informações.

No artigo 6, “Padrões de preposições em complementos locativos de verbos de movimento”, Fernanda Gabrielle Costa Rodrigues e Raquel Meister Ko. Freitag trazem um estudo sobre preposições que regem complementos locativos de verbos de movimento no português brasileiro, evidenciando que diferentes formas, nesse caso, as preposições *a*, *para* e *em*, podem estar a serviço de uma mesma função, a regência de complementos locativos de verbo em

movimento. Com a investigação realizada, as autoras ressaltam a importância de estudos de emergência de padrões sociolinguísticos associados aos efeitos sociais, demonstrando, assim, o efeito da consciência sociolinguística na emergência da gramática.

No artigo 7, “As estratégias acusativas de 2ª pessoa em cartas amorosas do sertão de Pernambuco: um estudo pela via da Sociolinguística Histórica”, os autores Cleber Ataíde, Antônia Caroline Alves da Silva e Valéria Severina Gomes analisam as estratégias acusativas realizadas a partir da gramaticalização do *te* em 22 (vinte e duas) cartas pessoais amorosas, subgênero de cartas pessoais, enviadas por sertanejos no sertão de Pernambuco na década de 50 do século XX. Os pesquisadores identificaram 64 (sessenta e quatro) estratégias acusativas, com a predominância da posição pré-verbal e do clítico *te*, empregado independentemente do sujeito utilizado. Para além desses resultados, os autores mencionam a alta produtividade, no encerramento das cartas de amor analisadas, da construção *te+amar*, constatando evidências de uma tradição discursiva.

No artigo 8, “A dinâmica do significado social na gramaticalização: desafios para uma abordagem sociofuncionalista”, as autoras Edair Görskei e Carla Regina Valle, provocadas pela reflexão de que “[...] mudanças intencionais em determinada estrutura podem se dar não por motivações linguísticas, mas por motivações sociais, sendo o significado social tomado como força motriz da mudança” (p. 202), propõem uma discussão a respeito da dimensão social na gramaticalização. Para isso, ressaltam o foco na dinâmica do significado social a partir da aproximação entre (i) gramaticalização e variação e (ii) domínio funcional e social, no qual contempla o papel dos jovens e das mídias digitais na mudança. Ao final da pesquisa, como afirmam, “Fechando (mas não concluindo) a discussão”, as autoras constatam que os usos inovadores revelam uma associação não apenas às expansões contextuais de novos significados semânticos-pragmáticos, mas, também, e quiçá, esses usos refletem novos significados sociais. Assim, o elemento social se faz presente como força motriz para a emergência de usos inovadores e como reflexo de uma mudança de comportamento social.

No artigo 9, “A multifuncionalidade do verbo *poner* em língua espanhola: descrição e usos”, Roana Rodrigues, observando a produtividade do verbo *poner*, discute sobre a multifuncionalidade desse verbo em 150 (cento e cinquenta frases) construídas com *poner* retiradas do CORPES (Corpus del Español del Siglo XXI). Na pesquisa empreendida, foram identificados 5 (cinco) padrões de uso do verbo, a saber: verbo-suporte, verbo pleno, construção gramatical, verbo operador causativo e constituinte de expressão cristalizada. A constatação da multifuncionalidade do verbo *poner*, com certeza, poderá, entre outros caminhos, contribuir para o ensino de espanhol como língua estrangeira para falantes brasileiros.

No artigo 10, “Tem lá...variabilidade ou mudança a caminho?”, Gessilene Silveira Kanthack e Maria Alice Linhares Costa descrevem e analisam o

uso da construção *tem lá* em uma amostra sincrônica formada por comentários informais veiculados na rede social Twitter durante 3 dias consecutivos. Com a pesquisa, foi possível verificar a gramaticalização do *lá* que, ao lado do verbo *ter*, desempenha uma função espacial, contudo não mais de referência apenas física/concreta. Também, foi possível, na investigação realizada, constatar que a construção *tem lá* desempenha uma função de orientação argumentativa, exercendo a função de modalizador.

No artigo 11, “O microdomínio funcional do imperfeito narrativo em espanhol: uma análise dos princípios de marcação e de iconicidade”, *Valdecy Oliveira Pontes* analisa, a partir de 24 (vinte e quatro) contos escritos na língua espanhola, o uso das formas verbais imperfectivas de passado no espanhol escrito, na codificação do imperfeito narrativo. Os dados sinalizaram que, no microdomínio do imperfeito narrativo, os condicionadores modalidade *irrealis*, plano discursivo figura, objeto não afetado pela ação verbal, verbos dinâmicos e télicos, sentenças de polaridade negativas favorecem o uso do pretérito imperfeito do indicativo em competição com a forma variante perifrástica.

No artigo 12, “Para começo de conversa: a variável linguística na interface sociofuncionalista”, Maria Alice Tavares, Fernando Laerty Ferreira da Silva Pedro e Gabriela Albano, tomando as variantes *mas* e *só que*, para adversidade; e *mesmo (que)*, *apesar(de) que* e *nem que*, para concessividade, objetivam mostrar como a convergência entre os conceitos de variável linguística e macro domínio funcional atua como uma estratégia para circunscrição de variáveis linguísticas. Com esse propósito, as pesquisadoras argumentam que a definição da variável linguística, assim como foi postulado por Labov (2008) para a Sociolinguística, também é, na investigação sociofuncionalista, a primeira etapa de uma investigação. A partir disso, desenvolvem o texto motivadas pelo seguinte questionamento: “como a conversa na diferença pode ser entabulada?”. Entre outras considerações, as autoras mencionam que a adoção da estratégia de convergência dos conceitos de variável linguística e macrodomínio funcional apresentam-se como fértil para os estudos realizados na perspectiva de interface variação-gramaticalização.

No artigo 13, “Um olhar pancrônico para o pronome você: retratos do passado ao presente que subsidiaram um estudo sociofuncional”, *Warley José Campos Rocha*, tendo como objeto o pronome *você*, traça um percurso sócio-histórico do pronome, constatando a gramaticalização do pronome em função das pressões de uso ao longo do tempo. Para cumprir com o propósito de retratar o *você*, o autor traz o registro do pronome em gramáticas históricas, prescritivas e descritivas. Nessa abordagem, são apresentadas questões relativas à variação e à mudança linguística que envolvem a forma e a função do pronome *você*.

Finalizamos a travessia com o artigo 14, “Um olhar sociofuncionalista no estudo da estratificação/variação das orações completivas e parentéticas”, *Vânia Raquel Santos Amorim e Valéria Viana Sousa*, que, em uma amostra

composta por 24 (vinte e quatro) entrevistas extraídas do *Corpus do Português Popular de Vitória da Conquista (Corpus PPVC)*, investigam a variação do subjuntivo em dois contextos: em orações parentéticas introduzidas pelo *que* e em orações completivas introduzidas pelo complementizador *que*. Os dados da pesquisa revelaram, entre outras questões, que o uso do subjuntivo foi favorecido, mediante as variáveis linguísticas de valor semântico do verbo da oração matriz e estrutura da assertividade em orações afirmativas e, com relação às variáveis extralinguísticas, o subjuntivo mostrou-se mais produtivo nas falas de informantes do sexo feminino que foram inseridas no ensino sistematizado. Com esses resultados, constatou-se, na investigação, do ponto da Sociolinguística Variacionista, uma variação estável e, do ponto de vista do Funcionalismo Norte-Americano, um processo de gramaticalização.

Encerramos a apresentação deste dossiê, ecoando as palavras de Görski e Valle (2021, p. 186), quando afirmam que “[...] o Sociofuncionalismo tem se mostrado um campo bastante fértil e multifacetado ao longo dos anos, e está longe de se mostrar uma abordagem ultrapassada, como bem atestam os trabalhos que compõem este volume temático.”. E, assim, convidamos os leitores e as leitoras e, em especial, os pesquisadores, alunos dos cursos de graduação e de pós-graduação da Área de Linguística e afins, para caminharem conosco por esses espaços para que possamos continuar o nosso diálogo sociofuncionalista.

Valéria Viana Sousa
Gessilene Silveira Kanthack
Camilo Rosa Silva